

NA TRILHA DAS FORMIGAS: análise crítica no discurso literário do texto de Lygia Fagundes Telles

Prof^a Diva Conceição Ribeiro(FALEC-UNIANDRADE)ⁱ

Resumo:

O texto fenomenológico As Formigas, de Lygia F. Telles, à leitura crítica desfaz fenômenos sobrenaturais, apresenta aspectos normais, ocorridos em clima tendencioso, que atende a essas proposições, e cumpre uma intenção do texto literário: a catarse. O objetivo do trabalho propõe o examinar à luz da razão o caminho pelo texto em uma trilha de formigas vivas, revê a cultura que é construída na sociedade do formigueiro, para atender relações próprias a essa espécie. Examinar, compreender e voltar às informações ao tipo de vida animal, fará com que o texto ganhe peso semântico, convide o leitor a novas leituras fortalecidas pelas vozes atuantes na tessitura do texto literário. A fundamentação teórica consulta ECO, van DIJK, FAIRCLOUGH, SMITH, SOLÈ, e PIRATININGA e sustenta a análise textual do Livro Mistérios, que sob as lupas da análise empírica do raciocínio hermenêutico passa a ser interpretado. Para GINBURG “nem toda confissão é uma vitória de tortura; porque às vezes a pior tortura é ter a voz silenciada. Isto se aplica àqueles que, por não entenderem o texto, permanecem calados, silenciando a voz da consciência que se esvai na crença de que são excluídas por não conseguirem decifrar em um texto.

Palavras-chave: vozes do discurso, vários olhares, sobrenatural, racionalidade, coerência, leitura lúcida.

Introdução

Ao deparar-se com o texto As formigas, o leitor insipiente e não preparado para uma segunda leitura ou desconheça outras possibilidades leitoras, certamente optará pela ação de acatar a leitura fenomenológica ou sobrenatural e será senso comum, cuja avaliação não se proporá a realidades possíveis. Ele poderá tomar caminhos perigosos e repletos de obstáculos que o fazem escapar de uma realidade natural, compreensiva para optar obrigatoriamente pelo mundo fenomenológico, sobrenatural, abstrato. Este leitor não perceberá a existência de múltiplas vozes no discurso e se acomodará, ainda, como leitor à própria voz que, por receio ao constrangimento, cala-se perplexo diante da única voz que percebe existir no discurso: a voz do orador. Este leitor desconhece que nos mesmo texto em que ele lê está também a sua própria voz, mas ele não se vê e assim, monologa, infringe uma das mais particulares finalidades da leitura: diálogo entre o leitor e o texto, e por isso, elimina o lúdico e a catarse que são estados subjetivos oferecidos pela literatura.

1 Análise crítica do discurso

O leitor estrutura sua base leitora, arsenal cognitivo próprio a partir do conhecimento adquirido pela humanidade e repassado pelo sistema escolar. Isto significa que estudar as obras clássicas, é, pois, voltar à época de sua produção, vivenciá-la e retornar à esfera temporal fortalecido por experiências humanas já testadas e de resultados já adquiridos. Segundo TAVARES,

Os antigos já diziam ser toda definição difícil. ... e o problema se agrava quando intentamos definir ou conceituar certos abstratos. Que pela sua própria natureza imprecisa, aturde-nos com uma polissemia imprevisível. Tal ocorre com termos como Vida, Amor... A grafia inicial maiúscula procura suprir, no relevo da forma, a deficiência do conceito. (TAVARES, 1989, p.17).

Estar fortalecido pela aquisição das informações trazidas pela leitura é posicionar-se diante de si mesmo e diante do outro, é a inserção do EU na literatura; é em última instância, assumir-se enquanto sujeito atuante e construtor da sociedade no Universo; é co-relacionar-se com seus iguais, é o homem compartilhar conhecimentos, experiências, sensações, idéias, comprometimentos; é o conviver com um universo que pertence à família humana e somente por ela pode ser modificado, transformado, somado ou diminuído; condicionado ou libertado, conforme a vontade de cada homem que assume o seu próprio eu na existência social ou particular, mas que certamente terá reflexo de suas ações permeando a esfera natural na qual este desempenha suas funções relativas à sua estada no planeta.

A leitura de um texto requer posição pessoal de cada leitor que colabora para mostrar o grau de compreensão, de possibilidades de interpretar a vida uma vez que cada sujeito mantém alimentadas suas convicções resultantes na cultura específica do sujeito, cuja singularidade única o categoriza e revela seu nível cognitivo. HUMBERTO ECO, em *Seis Passeios pelo bosque da ficção* afirma: "... numa história há sempre um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só no processo de contar uma história, como também da própria história¹". Desta forma, ler implica em existir, e o leitor existe, porque é real, é concreto, pensa e desta maneira, não pode e nem deve ficar alheio ao conteúdo que é retratado no texto. Para ECO, no mesmo livro

O leitor modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. (ECO, 2004, p.14-15).

Este modelo de leitor singulariza-se no momento em que entra na história e com suas experiências pessoais junto aos atores no e do texto, passa a caminhar pelo vale das letras apropria-se das sensações que julga conhecer (nos e) dos personagens da história para cumprir uma das finalidades da leitura: apropriação legal das culturas que

¹ ECO, H. *Seis passeios pelo bosque da ficção*, 2004, p.14-15.

o texto oferece. Esta é uma das grandes vantagens do leitor polifônico que identifica as múltiplas vozes do discurso. Para TEUN a. van DIJK em *Texto y Contexto: Semántica y pragmática Del discurso*

... a distinção entre cognição social e cognição pessoal permite ... explicar a diferença entre, por um lado, significados pessoais ou contextuais e, por outro lado, significados partilhados a nível sociocultural. ... Embora as estruturas semânticas possam revestir-se de graus variáveis de complexidade, não há fronteiras previamente estabelecidas entre os significados de palavras, sintagmas, orações, frases, seqüências de frases, parágrafos ou textos integrais. É freqüente que os <mesmos> (sic) significados encontrem expressão em diferentes categorias sintáticas (sic), de âmbito variável, dependendo de limitações contextuais, como por exemplo, as que definem condições estilísticas ou pragmáticas. Ao contrário da semântica da frase, a semântica do discurso explica todos os tipos de significado dos enunciados escritos e orais. (van DIJK, 1991, p. 123).

Na ciranda da interpretação, “entra na roda” a aquisição vernacular de cada leitor ao respeitar as palavras desconhecidas, o texto toma forma da compreensão para compor a “biblioteca interior”² do homem que decodifica o exercício da leitura. Humberto ECO utiliza uma expressão singular: “Nada nos proíbe de usar um texto para devanear, e fazemos isso com freqüência, porém o devaneio não é uma coisa pública; leva-nos a caminhar pelo bosque da narrativa como se estivéssemos em nosso jardim particular”. (ECO, 2004, p. 16-17).

Lygia Fagundes TELLES, em entrevista à Revista Ler & Cia, considera:

“Há três juventudes no nosso país”. ... A primeira seria a juventude de nossos analfabetos, ainda imensa. A segunda, também enorme, a dos jovens já alfabetizados, mas que não conseguem compreender o que lêem. E a terceira seria a mocidade pensante, a única que restaria aos escritores brasileiros. Uma juventude real, mas muito pouco numerosa, cada vez mais rara, já que a tevê, ... não parece disposta a assumir seu papel de educadora no Brasil. (TELLES, nº 19, 06 de março de 2008).

Isabel SOLÈ mostra:

Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e

² Termo utilizado nas aulas do Profº Dr. Luiz Antonio Ferreira no Programa de Pós Graduação e Doutorado em Língua Portuguesa na PUC-SP em 2005.

quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. Em conta de que cada leitor apresenta a inserção de seu EU nos caminhos que conduzem ao Bosque da ficção, projetando nele suas percepções particulares, pois formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre a sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes A contribuição de POZO³ que define as estratégias na elaboração do texto escrito – atividades realizadas para aprender a ler a partir dele – como estratégias de elaboração e de organização do conhecimento, na parte superior da hierarquia das estratégias de aprendizagem, parece-me muito sugestiva. (SOLÉ, 1998, p. 91).

Frank SMITH aponta: “Quanto mais nos aprofundamos na natureza da leitura, menos dogmáticos precisamos ser...”. (1999, p.10). Esta reflexão nos auxilia no sentido de desvendar “mistérios” envoltos nas palavras que sugerem ações sobrenaturais, artificiais e de advindas, talvez, de outros mundos.

Emprestamos de PIRATININGA as seguintes considerações:

(...) podem-se suscitar sérias interrogações sobre a nossa capacidade de educar, para além da produção e consumo de objetos. Em nosso atual sistema educacional, a maior ênfase recai sobre a aprendizagem da informação dos fatos. Em grande escala, a aprovação ou reprovação num exame ou curso, a passagem de ano ou mesmo a permanência na escola dependem do domínio ou da memorização de certos fragmentos de informação, os quais já são conhecidos pelo professor. *Assim, a função do sistema escolar parece consistir em criar pessoas que possam armazenar fragmentos de informação e depois possam repeti-los a um sinal dado*”⁴. (PIRATININGA, 1994, p. 25).

2. As formigas

O narrador do texto em estudo constrói elementos ativos dando vida a um cenário triste e sombrio em sua estrutura e acréscimo de um olho “adoentado vitimado por uma pedra” que ríspidamente atravessa sua retina exausta por contemplar os acontecimentos inertes. Esses elementos ganham vida pela presença de metáforas que, inadvertidamente, rasgam os véus da realidade. As primas, especialmente a que estuda Direito e ganha a voz narradora, deveriam estar ao par de ações vividas pelos seres inanimados, porém como parecem desconhecer a atuação das figuras retóricas na persuasão dos incautos, estas aceitam a catarse, o lúdico, ambos em uma visão única, e

³ POZO, 1990, in SOLÉ, 1998, p.72.

⁴ Grifo do autor.

concordam em compor e ciranda da ficção, permitindo serem encaminhadas para o objetivo que o texto propõe: alimentar um ambiente mágico, tomado de vida pela presença das formigas que, silenciosamente estabelecem um pacto com os ossos do anão acomodado em um pequeno caixote, guardado em baixo da cama na qual a estudante de medicina repousa o descanso costumeiro.

Essas considerações permitem que se instalem paradoxos existentes no texto por cumplicidade de um leitor que se exime em posicionar-se de modo crítico e se auto-questionar porque aceita os fatos inverossímeis por conta de uma cultura que subestima todo um conhecimento biológico e científico e contempla habilidades de explicar o inexplicável. Esta constatação reafirma o propósito do leitor contemporâneo: este prefere entender a atuação dos fatos como algo sobrenatural trazido da antigüidade e mantido como reminiscência cultural de uma sociedade que atribui poder a seres tidos e entendidos como seres privilegiados, positiva ou negativamente, como no caso do animal felino que tem por hábito, desde a antigüidade, acompanhar bruxas, que são mulheres eleitas e designadas para, com o auxílio de seres de outros mundos, realizarem milagres, curas, atos fenomenológicos e, principalmente, que demonstrem a inércia e a submissão do sujeito ativo que se rende diante dos fatos que não podem compreender e decide-se por não os compreender.

A condição financeira das estudantes reafirma a natureza espontânea do nível intelectual destas, pois dois cursos considerados cursos de grande peso social, continuam a limitar pessoas que se refugiam nessa condição e cedem espaços para os delimitadores e contedores da liberdade pessoal. O texto oportuniza esta reflexão quando encontramos o seguinte parágrafo:

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes, com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona da casa nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

- Pelo menos não vi sinal de barata - disse minha prima.

Temos, assim, o aspecto físico do ambiente em meio ao olfativo que nos remete a um odor antigo e desagradável, quando ainda, no Brasil, não existiam os desinfetantes modernos nem os produtos de limpeza de larga grandeza, o que reafirma a condição financeira precária das estudantes de Cursos elitizados. O inseto, “barata”, considerado um animal repulsivo toma espaço decisivo durante a narração do texto.

As baratas são insetos que formam um grupo cosmopolita, podem causar diversos problemas, o principal são os diversos patógenos que são transmitidos aos seres humanos como bactérias, fungos, protozoários, vermes e vírus. O primeiro registro da existência

de baratas foi cerca de 400 milhões de anos. Não houve muitas transformações ao longo do tempo, mas a genitália da fêmea passou a não ser visível externamente, os ovos passaram a ser colocados numa ooteca⁵ em vez de individualmente, as asas deixaram de ser utilizadas para voar e passaram a proteger o abdômen⁶.

O parágrafo seguinte retoma um contraste literário ao apontar qualidades positivas de Iracema alencariana com qualidades negativas acomodando-as em antíteses ideológicas pois, “Mais ngra do que a asa da graúna” entra em contrariedade com a forma das unhas e o modo como estas são percebidas. O charutinho ratifica a espécie e o grau de aceitação do personagem que atua, no texto, como a dona da pensão, ao associá-la à figura exótica e misteriosa que se complementa na idéia quando acompanhada por um animal autônomo, independente e místico: **o gato**.

A dona era uma velha balofa, de peruca **mais negra do que a asa da graúna**⁷. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as **unhas aduncas** recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho⁸.

- É você que estuda medicina? - perguntou soprando a fumaça na minha direção.

- Estudo Direito. Medicina é ela⁹.

Temos, neste parágrafo, as primas estudantes de dois cursos elitizados (assim diz a sociedade na hierarquia das profissões) reafirmadas pelo questionamento da dona da pensão e a resposta dada pela estudante do Curso de Direito e que, portanto, não devem ser ingênuas e nem desconhecedoras de fatos reais, imaginados, sobrenaturais ou de outros mundos.

A narradora retoma a condução discursiva e encontramos no parágrafo seguinte:

⁵ **Ooteca** é a designação utilizada em Entomologia para uma espécie de estojo formado pela secreção de certos insetos, como blatários e mantódeos, e que encerra agregado de ovos; quando exposta ao ar, por ocasião da oviposição, tal secreção torna-se escura, e endurece. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ooteca>

⁶ <http://www.brasilecola.com/animais/barata.htm>, em 30 de julho de 2008.

⁷ Referência à obra de ALENCAR, Iracema.

⁸ TELLES, 2003, p.35.

⁹ TELLES, 2003, p.37

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta escura, atulhada de móveis velhos, desaparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho. (TELLES, 2003, p.38).

Desta leitura, pela segunda vez, o texto revela as baforadas do charutinho que iam em direção à estudante do curso de Direito. Coincidência, ou apenas a estudante do Curso de Direito é que estava “cuidando, observando” essas atitudes? Ou ainda: não poderia ser ilusão de percepção ou mesmo um pensamento aguçado, capaz de ver algo que não existia? E a última hipótese: esta estudante seria diferente da outra? Em que sentido? Ou estaria sendo o alvo de “uma presença maléfica oculta na figura da dona da pensão”?

A narrativa encaminha-se no curso natural e espontâneo dos fatos e o texto mostra o diálogo seguinte entre os três personagens:

- Vou mostrar o quarto, fica no sótão - disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguissemos. - O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se;

- Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e pondo-se de joelhos puxou o caixotinho pela alça da corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

- Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

- Ele disse que eram de adulto. De um anão.

- De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. Limpo, olha aí - admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. - Tão perfeito, todos os dentinhos! (2003, p. 36).

Podemos considerar elementos tendenciosos os seguintes termos: sótão, tosse, medicina, caixotinho de ossos, declive acentuado, cadeira de palhinha pintada de dourado, ângulo onde o teto quase se encontrava como assoalho, fascinada, ossos de um anão que são elementos que desenham um quadro não apenas assustador mas, além de assustador, também *acolchado*¹⁰ de surpresas futuras.

Sobre anões, por meio de pesquisa coletada na Internet¹¹, apresentamos as seguintes informações:

Há um conjunto de fatores que caracterizam as pessoas com nanismo, que se subdividem em 200 tipos e 80 subtipos. O mais comum é o chamado Acondroplasia O médico¹² destaca que a baixa estatura é preponderante, porém, menos importante, pois o menor problema deles é o tamanho. "O tamanho não nos preocupa, mas sua invisibilidade: pouco se sabe sobre eles e isso compromete sua qualidade de vida, devido ao preconceito de que são vítimas", observa. ... existem médicos que nunca trataram de um anão na vida" ... Ele revela, ainda, um dado preocupante: elevado número de suicídios entre os anões. "Não raro temos notícia de um anão que se suicida, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Eles ficam escondidos e se tornam 'invisíveis', dificultando a inclusão social".

Os ossos de anão citados pela narradora são raros porque anões são raros, não só no Brasil, mas no mundo¹³. No texto, a alimentação das estudantes sugere lanche rápido, assim distribuídos durante a narração:

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

- De onde vem esse cheiro? - perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho.

- Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

- É de bolor. A casa inteira cheira assim - ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz.

...

¹⁰ Grifo nosso.

¹¹ Site ame-sp.org.br/noticias/jornal/novas/tejournal104.shtm

¹² João Tomazelli, médico ortopedista.

¹³ Conforme texto do Site citado.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor?

...

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

Em nossa análise: 1º alimentar-se com sardinha e pão e posteriormente bolacha Maria¹⁴, 2º omelete carregada em sal, seguida da ingestão de um tablete de chocolate, e, por último, a festa de casamento e ressaca, são informações que podem justificar “o cheiro” não *inocente* que se instala no ambiente. Este cheiro pode estar atrelado à produção de gases entendidos como flatos, enquanto que o desaparecimento do “exército **massacrado**”¹⁵ é justificado pela busca de restos de alimentos esfarelados pelo chão do quarto e buscados pelo formigueiro.

É relevante considerar, também, a presença desde o início da narrativa do urso de pelúcia, a proteção e afeto que uma das estudantes dava a ele e a relação entre pessoas que têm esse tipo de brinquedo, como agem com ele, além de validarmos, ainda, o ambiente no qual a narrativa acontece.

A tudo isto convém ressaltar: a leitura da literatura pode e deve provocar envolvimento, catarse, ludicidade entre leitor e texto, mas este leitor deve sempre desenvolver paralelamente, a interpretação do texto à luz da razão, à luz da realidade possível e não findá-lo em apenas um olhar, porque a cada ato, a cada fato mais de uma compreensão é sempre possível e estão sempre presentes. É a teoria hermenêutica que consolida outras construções interpretativas extraídas dos viéses do pensamento subjetivo, transpostas para os fatos reais e une a interdisciplinaridade à transdisciplinaridade e contempla, assim, novos olhares oriundos de um mesmo eixo, sustentáculo dos fatos narrados, mas explorados por novos olhares.¹⁶

Conclusão

A leitura à luz da razão traz o leitor à realidade e este leitor pode optar pelas propostas do texto, adentrar aos caminhos que lhe fizerem companhia no trajeto da interpretação, na experiência leitora e na bagagem cultural do conhecimento que este

¹⁴ P. 37.

¹⁵ do texto, p. 39.

¹⁶ O termo hermenêutica designa genericamente “a arte e a ciência da interpretação” (Runes, 1985). Etimologicamente ligado a Hermes, deus grego que traduzia as mensagens do Olimpo para os mortais, o termo tem designado práticas e referenciais teóricos significativamente distintos, mas que têm em comum o sentido lato de interpretação e compreensão. É possível agrupar as diferentes linhas de produção em torno à hermenêutica em pelo menos três grandes grupos, que guardam entre si muitos pontos de contacto (Bleicher, 1992):

selecionar para compor seu arsenal mnemônico em razão da sua cultura, e, por conseguinte, de seu existir, cumprindo a função da livre escolha sem, contudo, conferir a ele apenas a opção do mundo invisível, do mundo da magia, do mundo do inexplicável, enfim, o mundo do mistério.

Referências Bibliográficas

- [1] DIJK, T. A. VAN, **Texto y contexto**: semântica y pragmática Del discurso. 2ª ed. Madrid: Cátedra, 1991.
- [2] ECO, H. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard FEIST, 6ª reimpressão. Companhia das Letras, SP 1994.
- [3] GINZBURG, C. **O Queijo e os vermes**. Companhia das letras. SP. 1998.
- [4] PIRATININGA, L. C. de, **PUBLICIDADE**: arte ou artifício? SP: T. A Queiroz, 1994.
- [5] REVISTA LER & CIA, Livrarias Curitiba nº 19 de 06 de março de 2008.
- [6] SMITH, F. **Leitura significativa**. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas. (1999).
- [7] SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre, RS: Artemed, 1998.
- [8] TAVARES, H. , **Teoria literária**. 5ª ed. Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte.
- [9] TELLES, L. F. **Mistérios**. Rio de janeiro: Rocco. SP, 1998.

ⁱ Autor

Diva Conceição **RIBEIRO, Profª Doutoranda**
Faculdade Doutor Leocádio José Correia – FALEC e Centro Universitário Campos de Andrade
–UNIANDRADE - Curitiba - Paraná
diconri@yahoo.com.br